

A alusão como leitor: *O mistério da Casa Verde* em diálogo com *O alienista*

JOSÉ RADAMÉS BENEVIDES DE MELO*

Resumo

Pretendemos investigar a alusão como estratégia de leitura na constituição do leitor-modelo do autor-modelo, pressuposto por nós, de *O mistério da Casa Verde* (SCLIAR, 2004) em diálogo com *O alienista* (ASSIS, 1999). Para isso, concebemos o diálogo entre as teorias do dialogismo (BAKHTIN, 1980), da heterogeneidade (AUTHIER-REVUZ, 1990) e da alusão (TORGA, 2001) com as teorias do autor e leitor-modelo (ECO, 1979, 2004) a fim de nos auxiliar no processo de leitura aqui proposto.

Palavras-chave: dialogismo, alusão, Scliar, Machado de Assis.

Abstract

We intend to investigate allusion as a reading strategy to constitute the author's model reader model presupposed by us, of *O mistério da Casa Verde* (SCLIAR, 2004) in dialogue with *O alienista* (ASSIS, 1999). For this exercise, we designed the dialogue between the theories of dialogism (BAKHTIN, 1980), heterogeneity (AUTHIER-REVUZ, 1983) and allusion (TORGA, 2001) with the theories of the author and model reader (ECO, 1979, 2004) in order to assist us in the reading process proposed here.

Key words: dialogism; allusion; Scliar; Machado de Assis.



* JOSÉ RADAMÉS BENEVIDES DE MELO é Especialista em Literatura Comparada e professor de Língua Portuguesa.

1. Para início de conversa

O mistério da Casa Verde é uma narrativa elaborada por Moacyr Scliar cujos personagens centrais, quatro garotos – Arturzinho, Pedro Bola, Leo e André –, moram em Itaguaí e estão com uma proposta de montar um clube para se divertirem nos fins de semana porque a cidade não lhes oferece essa possibilidade. Na procura pelo lugar adequado para tal fim na cidade de Itaguaí, que é a cidade onde viveu o alienista Simão Bacamarte e onde fez suas peripécias científicas no passado, os quatro garotos se deparam com um antigo casarão, que é justamente a Casa Verde onde Simão Bacamarte, personagem de Machado de Assis, havia instalado, no século XIX, um hospício com o intuito de fazer a aplicação de suas teorias psicoterápicas, alienistas daquele (e naquele momento) da história.

Tivemos conhecimento de *O mistério da Casa Verde* em janeiro de 2003, ano em que havíamos recebido muitos livros de divulgação das editoras. Dentre as diversas obras vieram as de *Descobrimos os clássicos*, uma coleção cujas obras dialogam, retomam, releem textos do cânone nacional como *O guarani*, *O alienista*, *Contos de canário* dentre outros. Deparamo-nos com *O mistério da Casa Verde*, que nos chamou bastante a atenção, principalmente por causa da maneira

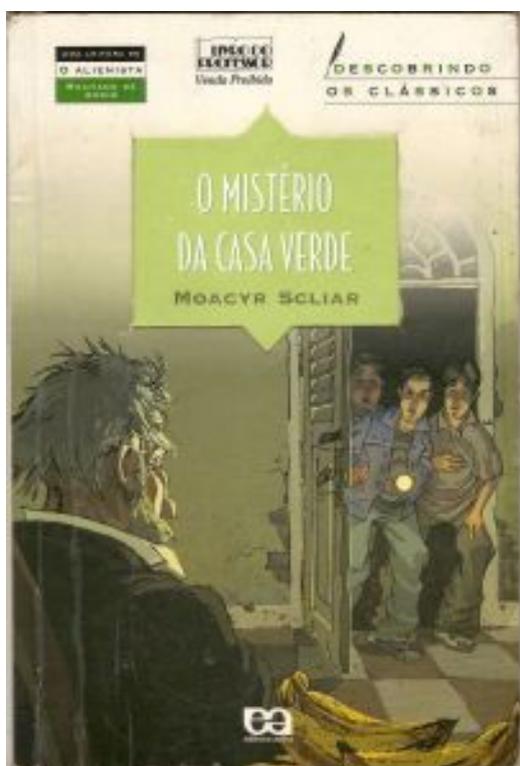
como o narrador e os personagens de Scliar dialogavam com a narrativa *O alienista*, de Machado de Assis.

É desse diálogo que surge nosso problema de pesquisa, que é: como a alusão, enquanto estratégia de leitura, constitui o leitor-modelo do autor-modelo, pressuposto por nós, enquanto leitores empíricos que somos, de *O mistério da Casa Verde* em diálogo com *O alienista*? Assim, nosso objetivo aqui é empregar a alusão como estratégia de leitura na constituição do leitor-modelo

do autor-modelo, pressuposto por nós, de *O mistério da Casa Verde*, de Moacyr Scliar, em diálogo com *O alienista*, de Machado de Assis.

Para atingirmos nosso objetivo, inicialmente, procedemos à leitura de *O mistério da Casa Verde*; em seguida, a leitura de *O alienista*, obra por nós já conhecida, mas que, nesse momento da leitura em que fomos conduzidos à narrativa machadiana

pela narrativa de Scliar, entra num diálogo que mobiliza novos e diferentes jogos de sentido. No texto deste artigo, vamos construindo o leitor-modelo de *O mistério da Casa Verde* em diálogo com *O alienista* durante todo o seu desenrolar, já que fazemos a construção desse leitor-modelo de *O mistério da casa verde* em diálogo com *O alienista*. Então, a metodologia de pesquisa acabou se confundindo com a metodologia de leitura, nosso método de pesquisa é, na verdade, os



procedimentos de leitura que elaboramos e que utilizamos para ler *O mistério da casa verde* em diálogo com *O alienista*. Nesse processo de leitura, surgiram várias hipóteses e uma delas é central: a alusão, enquanto elemento heterogêneo, dialógico e discursivo que é, nos coloca em diálogo com os leitores de Scliar e com os leitores de Machado, além de nos ligar a inter e intradiscursos, textos, falas sociais, esquecidos, vazios que são retomados, reconstruídos, re-significados, num movimento de ir e vir de sentidos, mediado pela memória.

Isso significa que empregamos a alusão, concebida como elemento constitutivamente heterogêneo, nesse processo de construção de sentido que é possibilitado pela leitura da narrativa de Scliar em diálogo com a narrativa de Machado. Assim, convém esclarecer que nosso objetivo não é nem investigar nem constituir um leitor-modelo para *O mistério da Casa Verde*, mas é constituir um leitor-modelo (fundado na alusão) para *O mistério da Casa Verde* em diálogo com *O alienista*, que é diferente também de investigar o diálogo entre as duas narrativas. Em outras palavras, não estamos investigando nem *O mistério da Casa Verde* isoladamente e nem o diálogo que há entre as duas obras aqui estudadas, o que nos propomos a investigar é *O mistério da Casa Verde* em diálogo com *O alienista*, o que é

aqui entendido como uma terceira possibilidade de leitura.

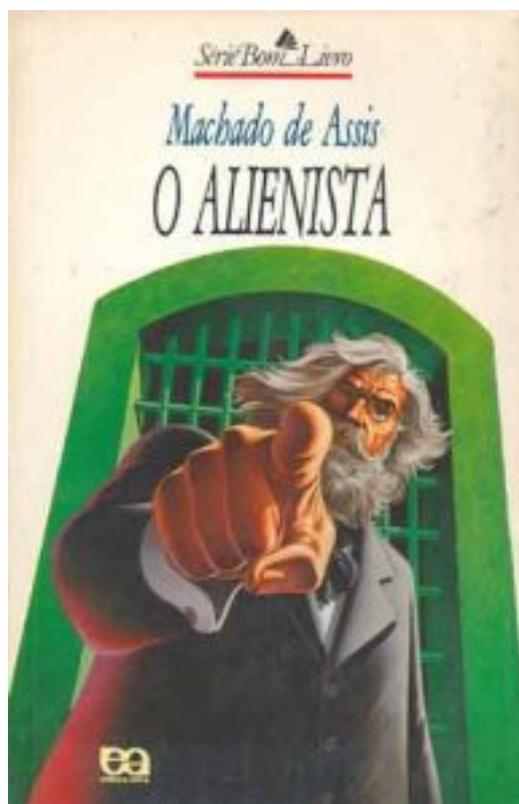
2. Em diálogo, as teorias

Para isso, recorremos a um referencial teórico que dê suporte ao nosso processo de investigação. Então, trabalhamos com quatro linhas teóricas que nos dão a fundamentação necessária para que o objetivo ora apresentado seja atingido: o dialogismo bakhtiniano (BAKHTIN, 1980), a heterogeneidade enunciativa de Authier-Revuz (1990),

os constructos teóricos do autor e do leitor-modelo de Eco (1979, 1994) e a alusão, na perspectiva de Torga (2001). Esses referenciais teóricos, que vão nos servir de suporte para construir esse leitor-modelo (uma estratégia de leitura) a partir da alusão, dialogam entre si.

Concebemos a alusão como uma estratégia de leitura, um recurso dialógico e heterogêneo que, enquanto estratégia de leitura, funciona como ferramenta

constituidora do leitor-modelo de *O mistério da Casa Verde* em diálogo com *O alienista*. Como o “dialogismo” (...) não tem como preocupação central o diálogo face a face, mas constitui, através de uma reflexão multiforme, semiótica e literária, uma teoria da dialogização interna do discurso.” e, tendo em vista que “as palavras são, sempre e inevitavelmente, “as palavras dos outros” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 26-7), temos o dialogismo de Bakhtin dialogando com a heterogeneidade



enunciativa de Authier-Revuz (1990) que dialoga também com a alusão na perspectiva nos apresentada por Torga (2001). O que acontece é isto: assim como a heterogeneidade é dialógica, a alusão é dialógica e heterogênea, já que o elemento alusivo dentro do texto é aquele que aponta para o outro, se o diálogo em Bakhtin é o diálogo com o outro e se a heterogeneidade constitutiva da linguagem é a marca do outro no discurso, no texto, na linguagem, na obra, temos o diálogo entre dialogismo, heterogeneidade e alusão. A partir desse diálogo teórico, numa perspectiva dialógica de pesquisa, é que vamos empregar a alusão como uma estratégia constituidora do leitor-modelo do autor-modelo de *O mistério da Casa Verde* em diálogo com *O alienista*. Ainda sobre o dialogismo, Brait (2005, p. 95) afirma que

O dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem. (BRAIT, p. 95)

Esse elemento interdiscursivo é justamente o elemento heterogêneo que a linguagem apresenta, já que o interdiscurso é um saber acionado pelo trabalho da memória. A memória é quem media o acionamento do interdiscurso, se a memória não age, não acionamos o interdiscurso. Mas o que é que trabalha com a memória antes de ela acionar o interdiscurso? A alusão, que entra como uma marca dialógica e heterogênea para mediar e estabelecer um contato com a memória e essa memória mediar o diálogo que há entre uma parte, no caso uma marca alusiva, e

um todo, aquilo a que a alusão faz referência, aquilo a que ela (parte) se liga (todo). No decorrer deste artigo, vamos chegar a um denominador comum entre essas teorias, nossos procedimentos de leitura-investigação e a escrita de Scliar.

Para mostrar como Authier-Revuz (1990) elabora seu conceito de heterogeneidade constitutiva da linguagem, Cardoso (2005, p. 88) diz que a estudiosa francesa

Articula o conceito de dialogismo de Bakhtin com o seu de heterogeneidade constitutiva da linguagem. Situando-se numa perspectiva também exterior à Linguística, mostra ainda como a Psicanálise (Lacan) questiona a unicidade significante da concepção homogeneizadora da discursividade.

Então Authier-Revuz (1990) dialoga com Bakhtin para construir a sua heterogeneidade constitutiva da linguagem e Torga (2001) dialoga com os dois, tanto com Bakhtin quanto com Authier-Revuz. Assim, a alusão na perspectiva de Torga mobiliza categorias teóricas, já-ditos, enfim, saberes interdiscursivos para constituir nosso leitor-modelo (Eco 1979, 2004). Como a teoria de Umberto Eco engendra conceitos como autor e leitor-modelo, categorias teóricas que funcionam como estratégias de leitura e de escritura, a alusão, enquanto estratégia de leitura, é

perturbadora, sutil: exige do leitor um compromisso com a construção da narrativa, que tem uma história e precisa ser por ele reconstruída com a prática da cooperação. A alusão é a estratégia mediadora dos movimentos do intradiscurso, do interdiscurso, da intertextualidade. (TORGA, 2001, p. 7)

Isso está de acordo com o que Eco coloca em suas obras *Lector in fabula* (1979) e *Seis passeios pelos bosques da ficção* (2004 [1994]) porque seu leitor-modelo se apresenta como uma estratégia de cooperação do leitor com o texto. Se a alusão tem um compromisso com a reconstrução da narrativa que tem uma história que precisa por ele ser reconstruída com a prática da cooperação, temos aí um diálogo entre os constructos do autor e do leitor-modelo de Eco (1979, 2004), a alusão (TORGA, 2001), a heterogeneidade (AUTHIER-REVUZ, 1983) e o dialogismo (BAKHTIN, 1980), quatro teorias que dialogam entre si para estabelecer um outro diálogo com o material literário, *corpus*, deste estudo. Em outras palavras, “A alusão é esse movimento dialógico centro/margem/centro – todo/parte/todo – fenômeno/essência/fenômeno.” (TORGA, 2001, p. 13), ou seja, quando lemos um texto, percebemos nele marcas de outros discursos, outros textos, falas sociais diversas, outras vozes que são marcas, partes, não são as vozes em si, em sua completude, mas partes, daí o movimento dialógico porque essas partes dialogam com um todo.

No processo de construção da nossa leitura, manuseamos essas marcas, que são alusivas, heterogêneas, dialógicas e nos movemos dessa parte para o todo e, do todo, voltamos para a(s) parte(s). Podemos dizer, portanto, que o diálogo entre *O mistério da Casa Verde* e *O alienista* acontece nesse percurso, a parte que está na narrativa de Scliar dialoga com o todo que está na obra de Machado, “devido a isso, a alusão enquanto produto, na sua imediaticidade, indicia, metodologicamente, o processo de investigação e pesquisa que se situa no plano da mediaticidade.” (TORGA,

2001, p. 13); por isso, a alusão é mesmo essa estratégia de leitura que acaba se constituindo nesse procedimento de pesquisa, já que ela “lida com lembranças e, também, com o esquecimento de que é parte.” (TORGA, 2001, p. 57) e já que “nenhum jogo alusivo se mantém se não houver a diferença entre todo e parte, logo a relação de parte e de todo é marcada constitutivamente pela heterogeneidade” (TORGA, 2001, p. 45).

3. Em diálogo, as narrativas... e as teorias

A partir de fragmentos de *O mistério da Casa Verde* e de *O alienista*, demonstraremos como se dá esse procedimento de leitura. Observemos, assim, esta citação retirada da narrativa de Scliar:

Os moradores das redondezas o evitavam. Preferiam até atravessar a rua a passar na frente da casa. Havia razões para tal temor: em Itaguaí, todos diziam que a centenária Casa Verde era mal-assombrada. As mães, quando queriam ameaçar os filhos – porque não comiam, porque recusavam ir para a cama – recorriam a uma tradicional ameaça:

– Olha que eu vou botar você na Casa Verde, e de lá você nunca mais sai. (SCLiar, 2004, p. 12)

Esse fragmento é alusivo, heterogêneo e dialógico. É inevitável não retomarmos o elemento machadiano, que é *O alienista*, sua narrativa do século XIX, já que a casa verde está aí como uma alusão, isto é, uma parte que nos conduz a um todo, que é a obra de Machado. Indo à obra de Machado de Assis, vamos compreender porque a casa verde é considerada mal-assombrada pela população daquele lugar neste momento histórico. Ao mesmo tempo,

vemos, a partir da alusão como estratégia de leitura, a tradição do senso comum e sua relação com o conhecimento do mal-assombrado e do fantástico. Vemos que a alusão nos aponta, indicia-nos, leva-nos a Machado de Assis, leva-nos ao elemento tradicional do fantástico nas comunidades do interior do país e também nos leva ao elemento da loucura. Por quê? Quando investigamos por que a casa verde é mal-assombrada, no caminho dessa investigação, percebemos o conteúdo da loucura, esse conteúdo da loucura nos encaminha a um outro lugar, a um outro discurso, que é o discurso da história da loucura. Mas por que vinculamos a loucura ao mal-assombrado?

Quando lemos Foucault (1997) em *A história da loucura na Idade Clássica*, damos conta de que, em algum momento da história da Idade Moderna, a loucura recebe uma conotação fantástica, mal-assombrada, demoníaca, e, a partir da alusão, realizamos nosso processo de leitura para construir o significado para ler *O mistério da Casa Verde* em diálogo com *O alienista*. Isso significa que a alusão é uma estratégia de leitura sobre a qual está fundado nosso leitor-modelo de um outro leitor-modelo que Scliar imprime na sua escrita; por isso, ao longo deste artigo, não tínhamos como fechar na introdução hipóteses porque elas surgem no processo de leitura que, afinal, é dialógico. Por isso, concordamos com Eco (2004, p. 7) quando ele afirma que “numa história sempre há um leitor, e esse leitor é um ingrediente fundamental não só do processo de contar uma história, como também da própria história.” Logo, entendemos que o leitor-modelo de Umberto Eco é essa estratégia textual, literária, estilística, discursiva que está inscrita no texto que lemos, ou seja,

O leitor-modelo de uma história não é o leitor empírico. O leitor empírico é você, eu, todos nós, quando lemos um texto. Os leitores empíricos podem ler de várias formas, e não existe lei que determine como devem ler, porque em geral utilizam o texto como um receptáculo de suas próprias paixões, as quais podem ser exteriores ao texto ou provocadas pelo próprio texto.” (ECO, 2004, p. 14)

O leitor-modelo nos dá a possibilidade de trabalhar apenas com o texto em si e não trazer os elementos passionais e/ou pessoais, “o Leitor-Modelo de Eco não só figura como integrante e colaborador do texto; muito mais – e, em certo sentido, menos –, ele/ela nasce com o texto; sendo o sustentáculo de sua estratégia de interpretação” (2004: 22), então quando lemos o texto, já temos o contato com o leitor-modelo porque já estamos andando pelos caminhos, *pelos bosques da ficção* daquele texto e quando *passamos por esses bosques*, estamos seguindo uma estratégia de escritura e também de leitura, assim “o que determina a competência dos leitores-modelo é o tipo de estampagem genética que o texto lhes transmitiu [...] Criados com o texto – e nele aprisionados –, os leitores-modelo desfrutam apenas a liberdade que o texto lhes concede.” (ECO, 2004, p. 22).

O que nosso leitor-modelo faz é ler *O Mistério da Casa Verde* em diálogo com *O alienista* porque nosso leitor-modelo, que é nossa estratégia de leitura constituída na alusão, nos permite, isto é, ao mesmo tempo em que lemos *O mistério da Casa Verde*, somos levados pela alusão ao outro. Sendo assim, vamos para fora da narrativa de Scliar, que é o texto que analisamos em diálogo com *O alienista*, mas também

com outros textos, outros discursos, senão, vejamos:

“Voltando para a Casa Verde, Artuzinho encontrou, junto à árvore, um preocupado Leo:

– Onde é que você se meteu, Artuzinho? Cheguei aqui, não encontrei você, me apavorei... achei que o homem tinha seqüestrado você...

– Seqüestrado, nada! – Artuzinho, excitadíssimo. – Eu estava dando uma de detetive, cara! E você não imagina o que aconteceu!

– Descobri quem traz a comida para o maluco. É uma garota, e lindíssima, cara! Disparado a garota mais bonita da cidade.” (SCLIAR, 2004, p. 36)

Esse garoto, Arturzinho, assemelha-se a um detetive. Na verdade, os quatro garotos (Arturzinho, Leo, Pedro Bola e André) são investigadores, “detetives”, mais ou menos como o leitor que usa a alusão para ler o texto literário. Concebendo o leitor como um detetive, conferindo-lhe um papel investigativo, os quatro garotos se configuram como leitores dentro da obra do próprio Scliar. O que estamos dizendo é, em outras palavras, que Scliar, ao fazer a leitura de *O alienista* e inscrever essa leitura em *O mistério da Casa Verde*, que é a obra que lemos em diálogo com a outra, coloca-se dentro do texto, insere-se nele materialmente, no nível do enunciado e do intradiscorso. É como se os quatro garotos fossem Scliar-leitor-de-Machado lendo para nós, leitores de *O mistério da Casa Verde*, a narrativa machadiana. É nesse papel de detetive que esses personagens entram na Casa Verde e nos descrevem o interior do edifício. É a partir desse processo de investigação promovido por esses quatro garotos que entramos em contato com *O alienista*, entramos na

famosa Casa Verde (o narrador de Machado não nos descreve o interior da casa).

Podemos dizer, portanto, que quem coloca os quatro garotos no interior da obra é Scliar-leitor-de-Machado que leu *O alienista* em algum momento e agora, através de marcas como citações, itálicos, intertextos, interdiscursos numa elaboração constitutivamente heterogênea e dialógica se constitui no outro, ao qual alude. Além disso, podemos dizer ainda que esses quatro garotos são uma metáfora à semelhança de um Scliar-leitor, essa leitura, essa investigação é que nos levam a *passar por vários bosques* como *O alienista*, a história da loucura, a luta antimanicomial, é como se esses garotos fossem os detonadores da investigação e de todo o processo de leitura que há dentro da obra, é como se fosse um leitor nos mostrando como Scliar leu Machado de Assis. Simultaneamente, damos-nos conta de que esse Scliar-leitor-de-Machado (todo) se constitui nos quatro garotos (partes) e é na relação dialética e dialógica dessas partes com esse todo que se dá a metáfora, já que há uma condensação das partes num todo. Lendo o texto machadiano, encontramos o fragmento seguinte:

Levantou-se da cadeira de espaldar em que estava sentado, fechou o livro, e, a passo firme e tranqüilo, foi depositá-lo na estante. Como a introdução do volume desconsertasse um pouco a linha dos dois tomos contíguos, Simão Bacamarte cuidou de corrigir esse defeito mínimo, e, aliás, interessante. (ASSIS, 1999, p. 43)

E interessante por quê? Porque, ao corrigir o defeito mínimo dos livros organizados na estante, ele nos indicia que é extremamente rigoroso, cartesiano, cientificista, exato, o que nos

leva à exatidão científica do positivismo do século XIX no próprio Machado de Assis, diferentemente de um psiquiatra que existe n'*O mistério da Casa Verde*. Nesta obra, o psiquiatra é do diálogo, ele não tem o perfil de Simão Bacamarte e isso nos faz pensar na história do rompimento da antipsiquiatria, do movimento antimanicomial e da psiquiatria democrática, porque Simão Bacamarte fazia uma psiquiatria aterrorizante, e Dr. Eduardo, que é o psiquiatra de *O mistério da Casa Verde*, faz uma abordagem antipsiquiátrica.

Constatamos, desse modo, o diálogo de opostos, por isso dizemos, fundamentados em Bakhtin (1980), que nem sempre o diálogo é harmonioso, ele pode ser um diálogo conflitante, daí esse conflito que aponta para essa mudança de perspectiva de uma leitura para outra. Em *O alienista*, o psiquiatra é cartesiano, calculista, preciso, frio, “desumano”; já em *O mistério da Casa Verde*, no século XX, depois da reforma antipsiquiátrica, o alienista, que é o psiquiatra Dr. Eduardo, tem outra postura, que reflete ressonâncias antipsiquiátricas, antimanicomiais e da psiquiatria democrática. Assim, o psiquiatra atual consegue resgatar o(um) louco, que é um sujeito que está dentro da Casa Verde vestido de Simão Bacamarte.

Depois que os garotos descobrem a Casa Verde e todo esse processo investigativo se dá, a Casa Verde será transformada em Centro Cultural Machado de Assis. Quem abre a casa são os garotos como se fôssemos nós, leitores, abrindo a casa em *O alienista*, por isso, a metáfora do leitor. Dentre as várias atividades e atrações culturais, a encenação de um monólogo era a principal, como nos atesta a citação abaixo

A maior atração é outra coisa, uma encenação que se realiza todas as sextas-feiras à noite e que atrai até gente de outros estados – os ingressos são disputados semanas antes.

Às sextas-feiras à noite as pessoas que vão à Casa Verde têm um encontro marcado com o alienista. Que é Jorge, pai de Lúcia. Aos poucos ele foi se descobrindo como um excelente ator amador. E o que ele apresenta, às sextas-feiras à noite, é um monólogo intitulado “O alienista na Casa Verde”, extraído da obra de Machado de Assis. (SCLAR, 2004, p. 77-8)

A Sala Simão Bacamarte é uma sala da Casa Verde que agora é o Centro Cultural Machado de Assis mas que, anteriormente, era um hospício. A maior atração é Jorge, o pai de Lúcia, que é o louco que estava trancado, que os garotos descobrem e para quem Lúcia levava a comida. Aos poucos, ele foi se descobrindo como excelente ator amador e o que ele apresenta às sextas-feiras à noite é um monólogo intitulado *O alienista na Casa Verde*, extraído da obra de Machado de Assis. Ele só consegue isso enquanto louco porque Dr. Eduardo, o psiquiatra, o “alienista da contemporaneidade” consegue a partir das ressonâncias antipsiquiátricas, antimanicomiais e da psiquiatria democrática, resgatar, ressocializar. Vemos aí, portanto, que na narrativa machadiana Simão Bacamarte exclui, tranca, enclausura, para curar; já em *O mistério da Casa Verde*, o psiquiatra Dr. Eduardo liberta, ressocializa, para curar também. Nos dois casos, vemos o discurso da ciência, tanto no século XIX quanto no século XX, só que no primeiro, temos uma ciência a serviço de instituições e de seus interesses e, no segundo, uma ciência mais humanizada, mais solidária, humanizante.

4. Para fechar nossa conversa e abrir outros diálogos

Arturzinho, Leo, Pedro bola e André são detetives, investigadores, leitores enquanto grupo são uma metáfora de Scliar-leitor de Machado de Assis, eles formam um todo enquanto grupo e quando estão separados eles são parte, daí o diálogo parte-todo-parte. Dessa forma, podemos dizer que a ação dos personagens é reveladora. Como já falamos, Scliar-autor-modelo que encontramos no livro de Scliar dialoga com Scliar-leitor-de-Machado.

Para Scliar escrever *O mistério da Casa Verde*, ele dialogou com Machado de Assis. No final das contas, chegamos às seguintes conclusões, nosso leitor-modelo, fundado na alusão, dialoga com Scliar-leitor-de-Machado porque dialoga com os quatro garotos da narrativa, que são os detetives. Na verdade, é um leitor da leitura feita pelo narrador de Machado, ou seja, Scliar, no seu texto, faz uma leitura de Machado de Assis; então, estamos fazendo uma leitura da leitura que Scliar fez da leitura do narrador de *O alienista*, já que nessa obra o narrador é um leitor, ele conta as crônicas de Itaguaí: “As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico...” (ASSIS, 1999, p. 07). Fazemos uma leitura da leitura que Scliar-leitor-de-Machado faz da leitura que o narrador-de-Machado faz das crônicas de Itaguaí, o que se constitui num processo extremamente dialógico, de leitura mesmo, num diálogo de leitores.

Temos aí vários leitores e leituras e todos eles e todas elas em diálogo, daí a nossa hipótese ser reforçada, ser comprovada: a alusão enquanto elemento heterogêneo, dialógico e

discursivo que é nos coloca em diálogo com os leitores-de-Scliar e com os leitores-de-Machado além de nos ligar a intertextos e interdiscursos como a história da loucura, por exemplo, a textos, a falas sociais, esquecidos, vazios, que são retomados, reconstruídos, ressignificados, num movimento de ir e vir de sentidos mediados pela memória.

Referências

- ASSIS, M. **O alienista**. 3ª ed. São Paulo: FTD, 1999.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: ORLANDI, E. P.; GERALDI, J. W. G. **Cadernos de Estudos Linguísticos 12: O discurso e suas análises**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e de estética**. São Paulo: Hucitec, 1980.
- BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: _____. **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.
- CARDOSO, S. H. B. **Discurso e ensino**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica/FALE-UFMG, 2005.
- ECO, U. **Leitura do texto literário (Lector in fabula): a cooperação interpretativa nos textos literários**. Lisboa: Editorial Presença, 1979.
- ECO, U. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- FOUCAULT, M. **A história da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001.
- SCLIAR, M. **O mistério da casa verde**. São Paulo: Ática, 2004.
- TORGA, Vânia Lúcia Menezes. **Movimento de sentido da alusão: uma estratégia textual da leitura de ler, escrever e fazer conta de cabeça, de Bartolomeu Campos Queirós**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2001.